



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APOIO



COMPORTAMENTO SEXUAL E VULNERABILIDADE ÀS DST/AIDS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO E FEMININO

Maria de Fátima Fernandes Santos Silva, Marianne Silva Soares, Rafaela Siqueira de Oliveira, Rafaela Siqueira de Oliveira, Pâmella Janaína de Araújo Silva, Ana Paula Ferreira Holzmann

Introdução

A sexualidade reflete em aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos, não limitada apenas ao sexo e reprodução, e sim constituinte importante das relações amorosas e do laço afetivo entre as pessoas. Envolve, além do corpo, os sentimentos, a história, costumes e cultura. Logo, é uma dimensão fundamental entre todas as etapas da vida das pessoas, presente desde o início da vida até a morte. Atreladas ao exercício inconsequente da sexualidade estão as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) [1].

As questões que envolvem a sexualidade são marcadas pelas relações de gênero e o comportamento diferenciado entre os sexos. Em função das diferenças de gênero, têm-se as diferenças entre os comportamentos sexuais de homens e mulheres, já naturalizadas no comportamento social e sexual da população geral e relação com uma maior vulnerabilidade para a aquisição de DST/HIV/Aids [2]. Estudos que analisam e comparam comportamentos entre homens e mulheres são fundamentais para uma melhor compreensão das diferenças nos padrões desses comportamentos, bem como para a avaliação e adoção de medidas preventivas e de cuidado à saúde que levem em consideração as questões de gênero[3].

Dessa forma objetivou-se, a partir deste estudo, identificar as diferenças comportamentais relacionadas ao risco de DST entre estudantes do sexo masculino e feminino de uma universidade pública mineira.

Material e métodos

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal, também chamado de inquérito epidemiológico, o qual permite visualizar a situação de uma população em determinado momento. Pesquisa de aspecto exploratório, em que interessa descrever e categorizar fenômenos em um grupo de pessoas.

A população de estudo foi composta pelos estudantes ingressantes e concluintes de dois cursos da área da saúde e dois da área de educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Esses sujeitos foram escolhidos por pertencerem a um grupo que, teoricamente, deveria possuir conhecimentos sobre o assunto, além de hábitos de vida saudável, estando assim, aptos a expandir informações inerentes à sexualidade humana.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2014 e o instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado composto de 21 questões, aplicado em sala de aula, com autorização prévia do professor. Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professora da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes nº 533.637.

Resultados

Participaram da pesquisa 159 acadêmicos, sendo 80 deles da área da educação (50,3%) e 79 da área da saúde (49,7%). 54,6% se encontravam no primeiro período dos cursos e 45,6%, no último período. A maioria dos estudantes



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APÓIO



era do sexo feminino (86,9%), solteira (81,9%), pertencente à religião católica (66,9%) e encontrava-se nas faixas etárias de 17 a 20 anos (30%) e de 21 a 24 anos de idade (33,8%). Dentre os pesquisados, 65,2% já haviam iniciado a vida sexual. Quanto à idade de início da atividade sexual, observou-se que 35,3% dos homens tiveram a sexarca com 15 anos ou menos, a maioria (41,2%) com 16 a 18 anos; 17,6% com 19 a 21 anos e 5,9% com 22 a 25 anos. Já entre as mulheres, o início da vida sexual ocorreu, aos 15 anos de idade ou menos, para 8,4% delas; 53% iniciaram dos 16 aos 18; 21,7% dos 19 aos 21 anos; 14,5% com idades de 22 a 25 anos e 2,4% com mais de 25 anos. Com relação ao número de parceiros (as) estáveis nos últimos seis meses, a maioria (80,7%) das mulheres informou parceiro único; 3,6% tiveram dois parceiros e 15,7% não tiveram nenhum parceiro fixo no período. Em relação aos homens, 64,7% relataram parceira única, 11,8% tiveram duas parceiras e 23,5%, nenhuma parceira fixa. A maioria, tanto de mulheres (68,3%) quanto de homens (52,9%), negou qualquer relacionamento casual nos últimos seis meses; 30,5% das mulheres tiveram um único parceiro eventual e 1,2% informaram dois parceiros eventuais no período, enquanto que 29,4% dos homens afirmaram parceira única; 5,9% tiveram duas parceiras eventuais e 11,8%, três ou mais. Quanto ao uso do preservativo, 56,3% dos homens e 41,0% das mulheres usaram regularmente o insumo, nos últimos seis meses. História pregressa de DST foi relatada apenas pelas mulheres (6,0%). Quando questionados sobre a percepção de risco para contrair DST, 35,3% dos homens não se percebiam em risco; 35,3% percebiam baixo risco; 17,6%, médio risco e 11,8% se percebiam com alto risco. Já entre as mulheres, 65,9% não se percebiam em risco de contrair DST; 22,4% se percebiam com baixo risco; 5,9% com médio risco e 5,9% com alto risco. Dentre os que não se percebiam em risco, 90,3% são mulheres.

Discussão

Em termos gerais, as vulnerabilidades masculina e feminina se constroem a partir de uma socialização diferenciada para homens e mulheres, ainda tradicionais para as relações de gênero e para o desenvolvimento da sexualidade, que, apesar de favorecer, de certa forma, aos homens, tornam ambos os sexos vulneráveis [4].

Neste estudo, observa-se que os homens iniciaram a atividade sexual mais precocemente que as mulheres, o que também foi demonstrado por vários outros pesquisadores [5]. A iniciação sexual tem acontecido cada vez mais cedo entre adolescentes, principalmente, do sexo masculino, o que contribui para a ocorrência de gravidez e DST nesse grupo. Outro estudo [5] mostra que a prática sexual antes dos 15 anos encontra-se relacionada a outros comportamentos considerados de risco à saúde, comuns a essa faixa etária, como uso de álcool e outras drogas ilícitas.

Os homens também foram mais ativos sexualmente e tiveram maior número de parcerias sexuais, inclusive eventuais, do que as mulheres, mas, por outro lado, informaram maior uso do preservativo. Apesar de os homens terem se protegido mais do ponto de vista sexual, percebe-se que a adesão ao preservativo ainda está aquém do desejado, em ambos os sexos, mas, principalmente entre as mulheres. Na vida reprodutiva e sexual, o uso do preservativo masculino, apesar de atender à dupla função de proteção, tanto de gravidez indesejada quanto de DST, ainda encontra resistências explícitas ou veladas, entre homens e mulheres, descritas principalmente nos relacionamentos estáveis [3,6]. Outro estudo, também realizado com universitários, demonstrou a semelhança deste, em que, as mulheres tiveram mais parceiros fixos, o que provavelmente contribuiu para o não uso do preservativo [5]. A não adesão ao preservativo, nesse contexto, encontra-se, geralmente, associada à confiança na fidelidade supostamente existente nas relações estáveis, o que acaba contribuindo para a baixa auto percepção de risco, principalmente entre as mulheres [6], o que pode ser também verificado neste estudo. Sem se sentirem ameaçadas por DST, as mulheres concentram maior preocupação somente com a prevenção de gravidez, o que leva, então, ao aumento no uso de métodos hormonais, como a pílula [8]. Há de se destacar, que, as mulheres são também as mais envolvidas com a contracepção, enquanto os homens vivenciam sua sexualidade de uma forma mais despreocupada, contribuindo, para desfechos desfavoráveis, como gravidez inesperada e DST, além de sobrecarregar as mulheres com a responsabilidade da contracepção [8]. Neste estudo, a ocorrência de DST somente em mulheres, pode ser entendida como uma evidência de maior vulnerabilidade feminina, determinada pelo sexo desprotegido.

Além da confiança na fidelidade do (a) parceiro(a) e da baixa percepção de risco, outros fatores também contribuem para o sexo sem proteção, especialmente entre as mulheres, como o baixo poder de negociação entre elas e seus parceiros, bem como o preconceito contra o uso do preservativo, principalmente no que se refere à sensibilidade e ao incômodo causado durante a relação sexual [3].

Os resultados deste estudo também se aproximam de outro estudo realizado [9], em demonstrou que a maioria dos universitários já haviam tido relação sexual e mais da metade deles havia deixado de utilizar a camisinha pelo menos uma vez. Essa realidade evidencia a complexidade envolvida no fato desses jovens, teoricamente detentores de maior conhecimento acerca das DST/ AIDS por cursarem a universidade, ainda se colocarem como vulneráveis a tais



agravos. Há de se considerar que os motivos que normalmente justificam essa prática incluem outros aspectos da vida, além do conhecimento, que se encontram alicerçados em bases culturais, representadas pelas relações de poder e afeto entre os gêneros, como o imediatismo masculino e a submissão ou dificuldade de negociação feminina [10].

Conclusão

Os resultados deste estudo permitiram verificar que os jovens universitários compõem um grupo vulnerável às DST, principalmente pela falta de adesão ao preservativo e baixa percepção de risco. Quando se compara o comportamento entre os sexos, percebe-se que os homens iniciaram a vida sexual mais precocemente, tiveram relações sexuais com maior número de pessoas, porém usaram mais o preservativo que as mulheres. Essa prática de não uso do preservativo, evidenciada principalmente entre as mulheres, envolve sentimentos que atravessam as relações de gênero, como a submissão e a confiança, interferindo na percepção de risco e na possibilidade de adoção racional de comportamentos de proteção contra as DST.

Conclui-se, assim, que mesmo lidando com pessoas de maior escolaridade, como os universitários, ainda se faz necessária a implantação de políticas educacionais no âmbito da sexualidade, visando à orientação de jovens quanto às práticas sexuais saudáveis a fim de reduzir a incidência de DST e gravidez não planejada nessa população.

Referências

- [1] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 300 p.
- [2] OLIVEIRA, LFR; de *et al.* Use of male condom in adolescents. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 1765-1773, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3467>>. Acesso em: 30 Jul. 2015.
- [3] Sousa, MCP; Espírito Santo, ACG; Motta, SKA. Gênero, vulnerabilidade das mulheres ao HIV/Aids e ações de prevenção em bairro da periferia de Teresina. **Saúde Soc.** Piauí, Brasil. V.17, n 2, pág 58-68, 2008.
- [4] SILVA MS, VARGENS OMC. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. **Rev Esc Enferm USP.** São Paulo. v. 43, n. 2, pág 401-407, jun, 2009.
- [5] OLIVEIRA, JG; *et al.* Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao hiv/aids. **Revista Baiana Saúde Pública**, v 37; n 3, julho-set, 2013.
- [6] SHNEIDER, IJC; *et al.* Perfil epidemiológico dos usuários dos Centros de Testagem e Aconselhamento do Estado de Santa Catarina. **Cad Saúde Pública.** Rio de Janeiro. v 24, n 7, pag 1675-1688, jul, 2008.
- [7] NASCIMENTO, EGC; VASCONCELOS, RB. Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao hiv/aids. **Revista Baiana Saúde Pública**, v 37, n 3, julho-set, 2013. Disponível em <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2013/v37n3/a4470.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2015.
- [8] MENDONÇA RC, ARAÚJO TM. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí. **Esc Anna Nery Rev Enferm.** v 13, n 4, , pág 863-871, out-dez , 2009.
- [9] CARVALHO, PMRS; *et al.* Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v 28, n 1, p. 95-100, Fev. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002015000100095&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Agosto de 2015.
- [10] Santos, NJS; *et al.* Contextos de vulnerabilidade para o HIV entre mulheres brasileiras. **Cad Saúde Pública.** Rio de Janeiro, v 25, n 2, pág 321-333, 2009.